

BOLETIM MENSAL DO ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

OUTUBRO DE 2026

CCDR NORTE Agricultura

Divisão de Programas e Avaliação
Divisões Territoriais da CCDR Norte

ECPC
ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS
É + A NORTE

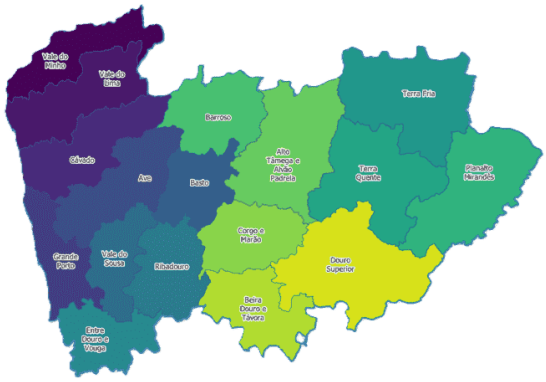
NOTA PRÉVIA

O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal supervisionado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) que, desde 1945, disponibiliza informação de carácter previsional, relativamente a áreas, produtividades e produções globais das principais culturas, ao nível geográfico do Continente. Desde o dia 1 de janeiro de 2024, na Região Norte, a recolha de informação é efetuada pelos técnicos da CCDR Norte distribuídos pelo território, sobretudo das quatro divisões territoriais do Minho, Porto e Douro, Trás-os-Montes e Alto Douro, sob coordenação da Divisão de Programas e Avaliação.

A necessidade da tomada de decisões políticas e económicas a curto prazo, especialmente no contexto específico do setor agrícola, não se coaduna com o tempo de espera por dados obtidos por meio de inquéritos ou de organismos de intervenção económica. Este requisito tem sido cada vez mais evidente nos últimos anos, em consequência do aumento dos efeitos das alterações climáticas. A ocorrência mais frequente de períodos de seca prolongada e eventos meteorológicos extremos requerem uma monitorização contínua do ECPC.

Mensalmente, a CCDR Norte produz este boletim que remete para o INE. Por sua vez, este Instituto, procede à agregação e tratamento da informação a nível do continente, bem como de informação administrativa que se encontre disponível à data, e integra-a no Boletim Mensal de Agricultura e Pescas (INE) que fornece uma visão geral do setor no Continente.

Antes da sua integração nas CCDRs, as Direções Regionais de Agricultura e Pescas foram responsáveis pela monitorização do ECPC durante mais de trinta anos. A coleta de dados era realizada em áreas designadas por "zonas de observação". Estas zonas eram originalmente definidas com base na homogeneidade edafoclimática e coincidiam administrativamente com as então Zonas Agrárias. No entanto, devido a várias reestruturações nos serviços descentralizados do Ministério da Agricultura, as zonas de observação perderam a sua correspondência administrativa. Embora tenha persistido alguma uniformidade no comportamento das culturas nos concelhos de cada zona de observação, o modelo de coleta de dados tornou-se desajustado em termos administrativos.



ZONAS HOMOGÉNEAS

Neste contexto e aproveitando a oportunidade proporcionada pelo Recenseamento Agrícola de 2019 (RA 2019), optou-se por realizar toda a coleta a nível de concelho. Esta mudança facilita a agregação geográfica da informação, nomeadamente por zona de observação (mapa), NUTS III e Sub-Região Agrária.

Nota: As zonas homogéneas da Beira Douro e Távora, Corgo e Marão e Douro Superior surgem englobadas na designação "Douro Sul".

SIGLAS

CCDR-N	Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, I. P.;
EDM	Região Agrária do Entre Douro e Minho;
INE	Instituto Nacional de Estatística;
IPMA	Instituto Português do Mar e da Atmosfera
TM	Região Agrária de Trás-os-Montes

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

Divisão de Programas e Avaliação

Lugar de Codessais – Vila Real

5000-421 – VILA REAL, PORTUGAL

(+ 351 278 260 900 * agrodigital.sia@ccdr-n.pt
https://agrodigital.ccdr-n.pt/sia/Informação-Agrária/Estado-das-Culturas

Capa: Azeitona colhida e pronta para transformação em azeite, Bravães, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho

FICHA TÉCNICA

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Rural do Norte, I.P.

Unidade de Desenvolvimento Rural, Agroalimentar e Pescas

Divisão de Programas e Avaliação

Equipa Técnica

Anabela Coimbra

Aurora Alves

Isabel Correia

Jerónimo Côrte-Real Santos

Joaquim Moreira

Maria Laura Cruz

Miguel Martins

Paulo Guedes

Sandra Coelho

Suzana Antunes Fonseca

Coordenação

José Manuel Vieira

Resumo

Na sequência do que ocorreu nos últimos meses, as temperaturas do mês de outubro foram superiores ao expectável para esta época do ano. A precipitação também ficou aquém do desejável, resumindo-se a alguns dias do início do mês, o que trouxe alguns efeitos negativos a culturas como os castanheiros, as oliveiras e às forrageiras de outono/inverno.

Os abastecimentos hídricos, os reservatórios e as linhas de água registam baixos níveis de aprovisionamento, comprometendo o ano agrícola que se inicia no próximo mês.

O tempo seco favoreceu a conclusão das vindimas, da colheita das fruteiras e dos milhos, mas esteve na origem da redução de produção de castanha, que nesta campanha foi baixa e de fraca qualidade, apresentando diversos problemas fitossanitários.

Confirmam-se as expetativas de produção da amêndoa e da uva para vinho, embora neste último caso parte da produção tenha mesmo ficado por colher (na região do Douro), por falta de condições de escoamento dos stocks de vinho das adegas regionais. A produção não só superou os valores do ano anterior, como também se apresentou com boa qualidade.

Nos lagares de azeite já se labora a azeitona, com os produtores a referir bons resultados em termos qualitativos, apesar dos ataques de Mosca-da-Azeitona. Nos campos são visíveis os trabalhos de preparação do solo para a instalação das culturas temporárias de outono/inverno – cereais e forrageiras.

Índice

1 Estado do tempo e sua influência na agricultura ____ *7*

1.1 Entre Douro e Minho ____ **7**

1.1 Trás-os-Montes ____ **10**

2 Fitossanidade ____ *14*

2.1 Entre Douro e Minho ____ **14**

2.2 Trás-os-Montes ____ **17**

3 Cereais Praganosos para grão ____ *20*

3.1 Trás-os-Montes ____ **20**

4 Milho grão de Sequeiro | Regadio ____ *23*

4.1 Entre Douro e Minho ____ **23**

4.2 Trás-os-Montes ____ **24**

5 Leguminosas secas – Grão-de-Bico e Feijão ____ *25*

5.1 Entre Douro e Minho ____ **25**

6 Batata | Hortas familiares ____ *25*

6.1 Trás-os-Montes ____ **25**

7 Fruticultura ____ *26*

7.1 Entre Douro e Minho ____ **26**

Actinídeas (Kiwi) ____ **26**

Castanheiros, Nogueiras ____ **28**

Pessegueiros ____ **31**

Pomóideas ____ **31**

7.2 Trás-os-Montes ____ **31**

Amendoeiras, Aveleiras, Castanheiros, Nogueiras ____ **31**

Pomóideas ____ **42**

8 Vinha ____ *45*

8.1 Entre Douro e Minho ____ **45**

8.2 Trás-os-Montes ____ **46**

9 Olival ____ *47*

9.1 Entre Douro e Minho ____ **47**

9.2 Trás-os-Montes ____ **47**

10 Prados, pastagens e culturas forrageiras ____ *53*

10.1 Entre Douro e Minho ____ **53**

10.2 Trás-os-Montes ____ **56**

11 Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção ____ *62*

1 Estado do tempo e sua influência na agricultura

1.1 Entre Douro e Minho

A precipitação ocorrida durante o mês de outubro foi muito importante para assegurar a humidade do solo, necessária para a sementeira e emergência das forragens de outono/inverno.



Figura 1. Consociação aveia x azevém, semeada em 20.09.2026, com bom desenvolvimento vegetativo, Arouca, zona de observação de Entre Douro e Vouga
Foto por: Isabel Correia

Na cultura do kiwi, na fase de frutos em crescimento, continua a ser necessário assegurar as necessidades hídricas através da rega. O início da colheita está previsto para novembro.



Figura 2. Espigas de milho de sequeiro deformadas e incompletas, em resultado da má polinização, Vila Nova de Gaia, zona de observação do Grande Porto
Foto por: Isabel Correia

As condições são excelentes para a maturação do milho grão e para as operações de colheita.

Nos soutos observou-se uma abertura antecipada dos ouriços e a consequente queda das castanhas, num período caracterizado por reduzida precipitação, dando origem ao aparecimento de Podridão, com reflexos negativos na produtividade e na qualidade comercial da castanha.

Em relação às culturas hortícolas tradicionais da época, que neste momento são escassas nos mercados locais – como as couves e, em especial, a Penca para o Natal e as hortaliças de folha, como nabiças e grelos – estão a ficar amareladas, obrigando a recorrer à rega. Muitas destas plantações/sementeiras são feitas em terrenos de sequeiro, uma vez que são culturas de outono/inverno.

Nos olivais o tempo seco promoveu o avanço da maturação dos frutos e permitiu o início antecipado da colheita. Contudo, o défice hídrico poderá ter condicionado o calibre da azeitona e reduzido o rendimento em azeite, nas parcelas com menor disponibilidade de água.

Nas pastagens e forragens a escassez de precipitação atrasou a rebentação das pastagens de outono e limitou a recuperação da vegetação espontânea, reduzindo a disponibilidade de alimento para o efetivo pecuário.



Figura 3. Terrenos preparados para as culturas de inverno, Mozelos – Paredes de Coura, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves



Figura 4. Preparação da terra para sementeiras de culturas temporárias de outono/inverno, Braga, , zona de observação do Cávado
Foto por: Maria Laura

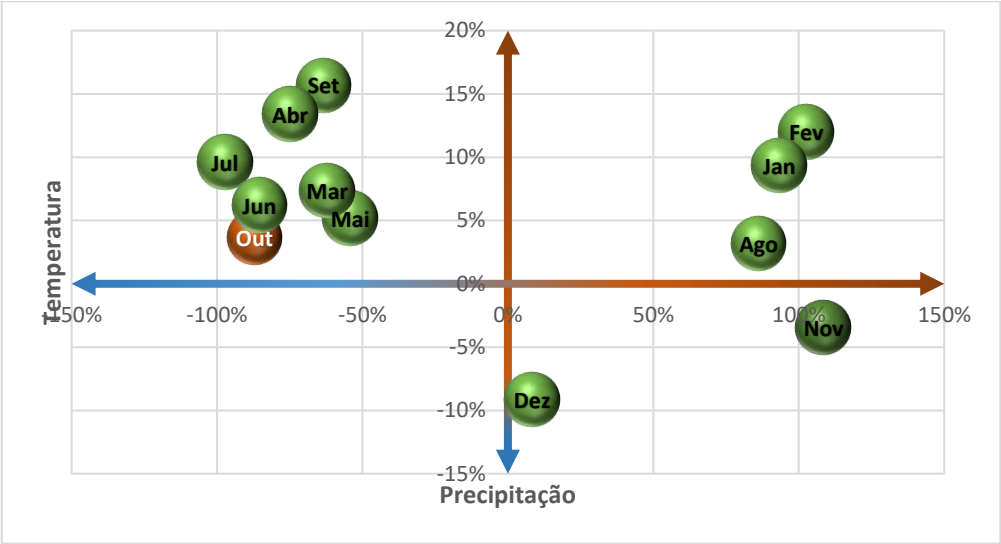


Figura 5. Desvio relativo da temperatura média do ar e precipitação acumulada no Entre Douro e Minho durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000)

1.1 Trás-os-Montes

O mês de outubro iniciou-se com forte instabilidade atmosférica, gerada pelo bloqueio anticiclónico, trazendo consigo nebulosidade, trovoadas pontuais e dispersas, precipitação fraca a moderada e alguns episódios de granizo. Estas condições foram transversais a toda a região transmontana durante a primeira semana do mês, com as semanas seguintes a ficarem marcadas por temperaturas elevadas (próximas dos 30°C). A partir de dia 17 as temperaturas desceram consideravelmente, em particular durante a noite, com registos de orvalhadas matinais e das primeiras geadas na Terra Fria.

As temperaturas máximas e mínimas mantiveram-se superiores à normal climatológica e a precipitação, em valor inferior ao que é normal nesta época do ano, não foi suficiente para suprir as necessidades das plantas.

A **E**vapotranspiração de **R**eferência (*ETo*)[1] continuou a registar descidas, com os valores máximos a situarem-se entre os 3,2mm no distrito de Vila Real e 3,9mm no distrito de Bragança.

[1] Quantidade de água que passa para a atmosfera (evapora) a partir do solo ou das plantas, desde que a superfície desse solo seja completamente coberta por relva. É independente do tipo de cultura.

Relativamente às Barragens monitorizadas pela CCDR Norte, a situação é anormal face ao que seria expetável, com a média do armazenamento total a rondar os 52% do Nível de Pleno Armazenamento (NPA), fazendo deste o ano com valores mais baixos, imediatamente a seguir a 2022. A Barragem que apresenta nível mais baixo é a de Arcossó, em Chaves, com valor de 32% do NPA.

À semelhança do que aconteceu no mês de setembro, na **Terra Fria** as Barragens de Gostei e de Prada continuam a ter menos água armazenada que em igual período do ano anterior, assim como os reservatórios de água existentes na área de observação. Isso deve-se a um longo período de verão com tempo quente e seco e ausência de precipitação, mesmo no início do outono.



Figura 6. Barragem de Prada, outubro de 2026, Prada - Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 7. Barragem de Gostei, outubro de 2026, Gostei - Bragança

Os recursos hídricos, tais como bacias hidrográficas, barragens, nascentes, poços, furos e charcas também apresentam um baixo nível de água armazenada, face ao ano anterior e, segundo os produtores, as nascentes continuam em declínio. Apesar disso, em observações de campo, existem evidências de rega das pastagens permanentes com água corrente das agueiras.

Em outubro, o **Planalto Mirandês** encontrava-se num estado de **seca meteorológica moderada**, mas com uma recuperação favorável da água do solo nas últimas semanas. A precipitação ocorrida não foi suficiente para repor as reservas de água, mas foi fundamental para aumentar o teor de humidade dos solos e de momento já é visível um caudal tímido nas linhas de água mais pequenas.



Figura 8. Ribeiro a registar já um pequeno volume de água, 13.10.2026, Penas Roias - Mogadouro
Foto por: Miguel Martins

Graças a uma depressão do género *gota fria* - oposto de anticiclone – ocorrida sensivelmente entre os dias 02 e 06 de outubro, o teor de água disponível no solo no nordeste transmontano subiu consideravelmente, para valores estimados entre os 50 e os 70% da capacidade de retenção do solo, de acordo com o *Soil Moisture Index* (SMI). Isto significa que a camada superior do solo está "perfeitamente húmida e confortável" para a realização de sementeiras, enquanto o subsolo ainda está a reabastecer as suas reservas a longo prazo.





Figuras 9 e 10. Barragem de Penas Roias, 13.10.2026, Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins

Os reservatórios abastecidos por furos artesianos têm reservas e as barragens que dependem de rios, regatos e ribeiros beneficiaram da precipitação ligeira, podendo afirmar-se que o uso das reservas foi superior à quantidade de água armazenada.

A precipitação no **Douro Sul** manteve-se muito escassa no mês de outubro, com efeitos negativos sobre algumas culturas, como os castanheiros e as oliveiras. O volume de água nas linhas de água e nos reservatórios privados (poços, tanques, charcas) é muito baixo, podendo vir a comprometer o ano agrícola, num cenário em que a precipitação tarde em regressar ao território. A barragem de Temilobos, em Armamar, continua com uma cota baixa, inferior a 43% do Nível de Pleno Armazenamento.



Figura 11. Barragem de Temilobos, 19.10.2026, Armamar
Foto por: Suzana Fonseca

Na **Terra Quente**, também as barragens de Vale de Madeiro e Santa Justa continuam a registar níveis de armazenamento inferiores aos de igual período do ano anterior,



Figura 12. Barragem de Vale de Madeiro, out/2025, Mirandela
Fotos por: Paulo Guedes



Figura 13. Barragem de Vale de Madeiro, out/2026, Mirandela



Figura 14. Barragem de Sta Justa, out/2025, Alfândega da Fé
Fotos por: Paulo Guedes



Figura 15. Barragem de Sta Justa, out/2026, Alfândega da Fé

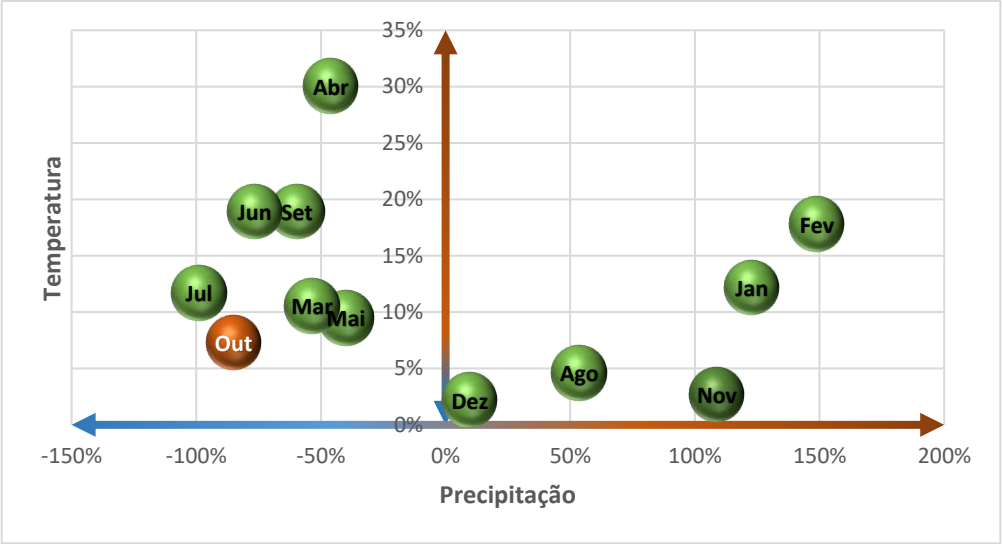


Figura 16. Desvio relativo da temperatura média do ar e precipitação acumulada em Trás-os-Montes durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000)

2 Fitossanidade

2.1 Entre Douro e Minho

Nesta época iniciam-se os tratamentos de inverno à base de cobre, em culturas permanentes como as pomóideas ou os citrinos.

Continuam a evoluir os estragos provocados na batata armazenada pela Traça da Batateira (*Phthorimaea operculella*). Semanalmente há necessidade de verificar a batata em armazém e, nessa fase, tem sido eliminada quantidade considerável, com a consequente redução da quantidade de batata destinada ao mercado.



Figura 17. Fruto de kiwi picado pelo Percevejo Marmoreado Castanho, Ganfei – Valença, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves

Continua a registar-se a presença do Percevejo Marmoreado Castanho do kiwi (*Halyomorpha halys*). Contudo, este ano foi realizado um maior controlo da praga antes da eclosão dos ovos, resultando na eliminação de grande parte da população e, consequentemente, numa menor percentagem de fruta picada (ver foto 17), comparativamente com 2025.

Devido ao tempo muito quente, aumentou a incidência de *Esca* em pomares de kiwis, obrigando a maior controlo sanitário e profilático. Esta doença é provocada por um complexo de fungos que colonizam o sistema vascular e degradam o tecido da madeira, levando à morte parcial ou total da planta infetada.



Figura 18. Ramo de kiwi morto, com as folhas secas devido à Esca, Sta Maria da Feira, zona de observação do Entre Douro e Vouga
Foto por: Isabel Correia



Figura 19. Picada da Mosca do Mediterrâneo na laranja, Vila Nova de Cerveira, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves

O avanço da maturação dos citrinos expõe os frutos a ataques da Mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*), embora com menor intensidade que em anos anteriores.

Na zona de observação do Lima, têm sido referidas situações de castanhas com manchas acastanhadas na polpa e sinais de ataque de insetos no interior do fruto. Estas situações podem estar associadas à ocorrência de podridões internas, nomeadamente da Podridão Castanha, causada pelo fungo *Gnomoniopsis castaneae*, assim como à presença de pragas como o Bichado da Castanha (*Cydia splendana*).



Figura 20. Castanheiro com ramo tombado devido ao peso dos ouriços e com ramo seco, evidência de problema sanitário, Arouca, zona de observação de Entre Douro e Vouga
Foto por: Isabel Correia



Figura 21. Frutos com manchas arredondadas de cor acastanhada e com aspeto oleoso; as azeitonas ficam engelhadas, mumificadas e acabam por cair, zona de observação de Entre Douro e Vouga
Foto por: Isabel Correia

Foram realizados tratamentos contra a Mosca da Azeitona (*Bactrocera oleae*) e Gafa da Oliveira (*Gloesporium olivarum*) antes da ocorrência de precipitação. Nos olivais sem tratamento, constata-se que a azeitona cai verde e picada pela Mosca ou atacada pela Gafa.

Em outubro a Estação de Avisos do EDM não emitiu nenhuma Circular.

2.2 Trás-os-Montes

Os principais problemas fitossanitários sinalizados durante o mês de outubro prendem-se com as áreas de souto e de olival.

Este ano a campanha da castanha fica marcada pela grande incidência de Bichado (*Cydia splendana*), Gorgulho (*Curculio elephas*) e Podridão Castanha (*Gnomoniopsis smithogilvyi*).



Figura 22. Castanha com Bichado (*Cydia splendana)*
In https://agriculturaemar.com/direccao-regional-de-agricultura-da-madeira-esclarece-pragas-e-doencas-dos-castanheiros/



Figura 23. Castanha com Gorgulho (*Curculio elephas)*
In https://alchetron.com/Curculio-elephas



Figura 24. Castanha com Podridão castanha (*Gnomoniopsis smithogilvyi)*
In https://gd.eppo.int/taxon/GNMPCA/photos

Resultado das temperaturas elevadas que se fizeram sentir durante os últimos meses, acima daquilo que é considerado normal para a época, parte dos ouriços foram sujeitos a fenómenos de escaldão, acabando por cair antes da maturação completa do fruto.

Na **Terra Fria** a Vespa-das-Galhas do Castanheiro teve um impacto significativo e uma incidência muito elevada nos concelhos de Vinhais e de Bragança, nomeadamente nas freguesias de Terroso, Espinhosela, Maçãs e Parâmio. A luta biológica com o parasitóide *Torymus sinensis* sofreu uma quebra de eficácia, devido aos desfasamentos fenológicos resultantes da primavera atípica da região, comprometendo o vigor vegetativo e a rebentação do ano, com consequências na floração e na frutificação dos castanheiros. Este parâmetro pode, por si só, justificar a heterogeneidade que se verifica no campo, relativamente à produção de castanha. Segundo declarações de alguns dos principais intervenientes do setor – produtores, técnicos e responsáveis das unidades de comercialização – estamos perante uma campanha de grande incerteza, face a essa heterogeneidade geográfica na produção de castanha. Por outro lado, as amostras realizadas à castanha recolhida revelam percentagens de defeito elevadas para o Bichado, muito superiores quando comparadas com igual período do ano anterior. Juntamente com a Podridão Castanha, este é o principal fator que condiciona a produção total esperada para a campanha.

O olival da Terra Fria, nas freguesias onde tem maior representatividade – Izeda, Rebordelo, Milhão, Rio Frio, Coelhoso e Babe – também apresenta uma grande heterogeneidade. A diferença no estado vegetativo das plantas é notória, em particular nos olivais que são explorados no sistema tradicional, com ou sem tratamento, ou mesmo nos que são explorados em regime de regadio. Naqueles que não foram tratados, são bem visíveis os danos provocados pela Mosca da Azeitona (*Bactrocera oleae*), que provoca estragos significativos (ver foto 25), depreciando a azeitona e o azeite, em termos quantitativos e qualitativos.



Figuras 25 e 26. Aspeto de um olival e de azeitonas com problemas fitossanitários, Rio Frio – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra

Relativamente à Gafa da Oliveira (*Colletotrichum* spp.), para já não são visíveis sintomas de presença da doença, uma vez que é necessária humidade para que o fungo se desenvolva e o tempo está demasiadamente quente e seco. Na fase de maturação da azeitona, e caso venha a ocorrer precipitação frequente, acompanhada por temperaturas amenas, poderemos vir a ter um desenvolvimento exponencial da doença.



Figura 27. Aspeto da azeitona enrugada
Foto por: Paulo Guedes

Em certos concelhos regista-se desidratação da azeitona, que fica "enrugada", em resposta ao déficit hídrico a que tem sido sujeita. Alguns produtores referem ainda a infestação dos frutos por Mosca da Azeitona.

Na **Terra Quente** a incidência de infestação é muito significativa, observando-se elevados níveis de azeitona picada. A presença de orifícios de saída nos frutos indica que a atual geração do inseto já concluiu o seu ciclo biológico, estimando-se que a praga tenha atingido a terceira geração nesta campanha.

Também aqui as condições de tempo seco e as temperaturas elevadas registadas nas últimas semanas contribuíram para a desidratação dos frutos, observando-se em muitos olivais azeitonas secas e enrugadas (ver foto 27). Esta situação, associada ao ataque de Mosca, reforça a necessidade de antecipar a colheita nos olivais mais afetados, sob pena de se verificarem perdas de qualidade e de rendimento na extração.

Durante o mês de outubro não foram emitidas Circulares pelas Estações de Avisos de Trás-os-Montes.

3 Cereais Praganosos para grão

3.1 Trás-os-Montes

No **Planalto Mirandês** – um pouco mais cedo que no ano passado – está já em curso a sementeira do trigo e do centeio, com a mobilização das terras (ou ato de "agradar" a terra, como popularmente são conhecidas as lavouras e gradagens) a decorrer a bom ritmo. A reduzida humidade inicial do solo dificultou as primeiras lavouras, mas as chuvas de finais de setembro/início de outubro amoleceram a superfície do solo e permitiram criar camas de sementeira adequadas.



Figura 28. Parcela recém semeada de triticale, 12.10.2026, Sanhoane - Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins



Figura 29. Parcela recém semeada de trigo, onde já é visível cereal germinado (fundo da imagem), 13.10.2026, Picote - Mogadouro

Por comparação com o ano anterior (em que o outono foi mais húmido), e caso a precipitação de outono não ganhe significado, a germinação inicial poderá ser ligeiramente mais heterogénea.



Figura 30. Cobertura do solo após sementeira de trigo, 13.10.2026, Sendim - Mogadouro
Foto por: Miguel Martins

Na **Terra Fria**, também já se preparam os solos e fazem as sementeiras para o novo ano agrícola, que terá início a 01 de novembro e término a 31 de outubro de 2027.



A mobilização dos solos decorreu com tempo extremamente quente e seco, com o solo muito compactado.
Nesta data já encontramos parcelas mobilizadas, com a matéria orgânica incorporada, prontas para serem semeadas com os cereais de outono/inverno. Os produtores aguardam as primeiras chuvas de outono para concluir as sementeiras.

Figura 31. Aspeto do solo mobilizado, com matéria orgânica incorporada, para semear com centeio, Deilão - Bragança
Foto por: Anabela Coimbra

Os comerciantes locais declaram que a procura pelas sementes de cereais e adubos é baixa e que os produtores não investem nas adubações de fundo, investindo posteriormente nas adubações de cobertura.

Os preços do grão e da palha mantêm-se baixos, sendo os produtores pecuários os que mais área semeiam, para obtenção destes produtos para alimentação animal.

Com o aumento considerável dos custos de produção, nomeadamente do gasóleo, o setor agrícola está a ser esmagado, com os produtores a receber indevidamente, a preços muito baixos, que deixam pouca margem de lucro, pelo que neste momento já há produtores pecuários que ponderam reduzir o efetivo.

A previsão para o próximo ano agrícola, relativamente à área de culturas cerealíferas, será a mesma dos últimos anos – seguindo a tendência de redução de área por todo o Nordeste Transmontano.

Nas zonas mais frias da **Terra Quente** decorrem as sementeiras dos cereais, enquanto nas zonas mais quentes estes já se encontram nascidos e em pleno desenvolvimento.



Figura 32. Sementeira de cereal nas zonas mais frias da Terra Quente





Figuras 33 e 34 (dir.). Cereais já germinados e em pleno desenvolvimento nas zonas mais quentes
Fotos por: Paulo Guedes

4 Milho grão de Sequeiro | Regadio

4.1 Entre Douro e Minho

A produção de milho de regadio é cerca de 5% inferior à do ano passado, pelo efeito da redução de área semeada. As temperaturas muito elevadas na fase de polinização exigiram um reforço da rega dos milhos semeados mais tarde, que originaram espigas incompletas, com "nariz", tal como tinha acontecido no ano passado (ver foto 2).

É de salientar que ainda existem algumas parcelas de milho grão por colher, nomeadamente de milho grão de regadio.



Figura 35. Parcela de milho ainda por colher, contígua a outra onde a colheita já foi realizada, Lanheses – Viana do Castelo, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

As temperaturas elevadas e a reduzida precipitação registadas durante o verão de 2026, podem ter condicionado o desenvolvimento das culturas, particularmente nas parcelas de sequeiro. No entanto, as condições meteorológicas, predominantemente quentes, secas e ventosas, durante o mês de setembro, favoreceram a realização das operações de colheita, debulha, transporte e armazenamento do milho, assim como a circulação das máquinas agrícolas na colheita e ensilagem.

O milho colhido já está nos armazéns (nas explorações com secadores) e nos canastros, forma tradicional de armazenamento e secagem na região.

A estimativa aponta para uma diminuição da produção de milho em regime de sequeiro (-3%), quando comparado com o valor do ano passado.

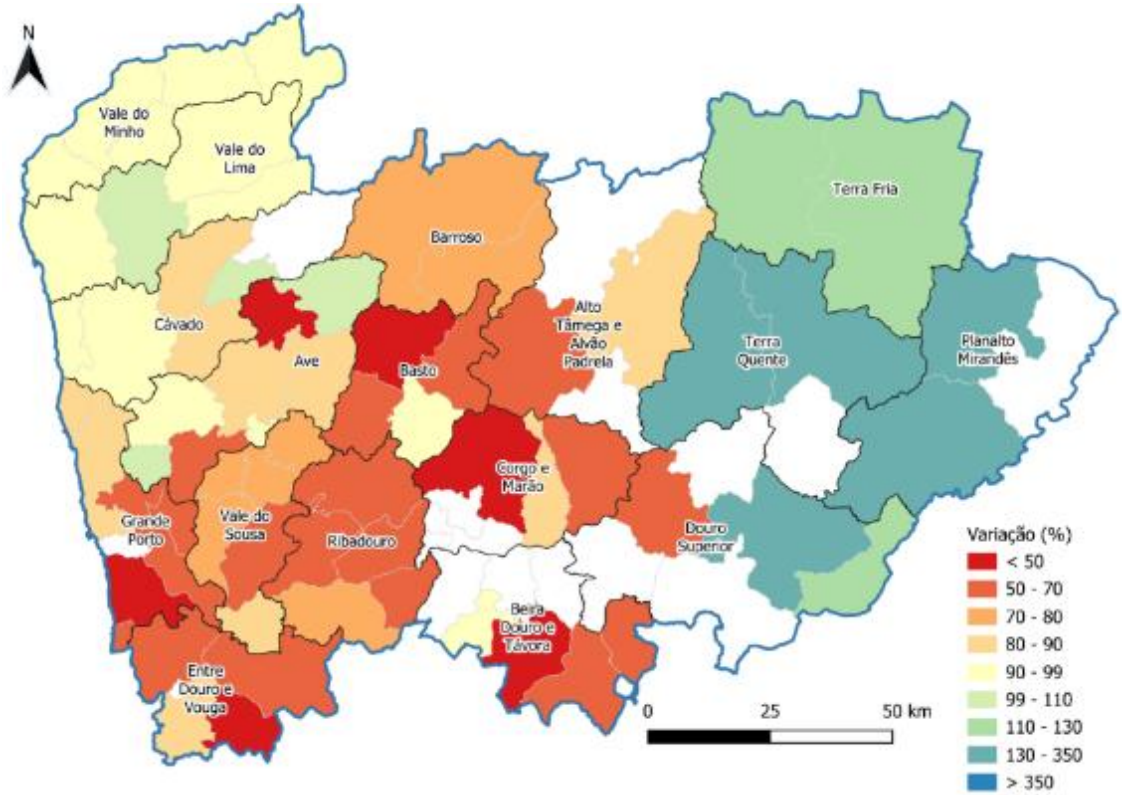
Continuam a verificar-se estragos provocados pelo javali – um dos produtores do concelho de Valongo avaliou a perda em cerca de 2000kg.



Figura 36. Parcela de milho para grão onde já foi realizada a colheita manual, Pias - Monção, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves

4.2 Trás-os-Montes

No **Planalto Mirandês** registam-se leves quebras produtivas nas parcelas de sequeiro, face ao ano passado, uma vez que a floração coincidiu com picos de calor severos. Essas quebras foram transversais a grande parte da região transmontana, face às elevadas temperaturas que se fizeram sentir durante o verão e à redução da disponibilidade hídrica para rega (com limitações ao nível do desenvolvimento das plantas).



Mapa 1 – Evolução da produção de milho grão de regadio por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

5 Leguminosas secas – Grão-de-Bico e Feijão

5.1 Entre Douro e Minho

Em relação ao feijão, as colheitas foram concluídas nos meses anteriores, com boas condições para a secagem, debulha e armazenamento dos produtos. A estimativa de produção é inferior à do ano passado em cerca de 4%.

6 Batata | Hortas familiares

6.1 Trás-os-Montes

Nas terras do **Planalto Mirandês** as hortas familiares já não estão verdejantes, coloridas ou variadas, mas continuam a providenciar alguns alimentos no final do seu ciclo, tal como tomate, pimento, alho-francês, feijão, grão, cenouras, couve e algumas batatas, deliberadamente semeadas mais tarde.

Nos casos observados, e porque não chegou a sentir-se falta de água, a hortaliça encontra-se em bom estado vegetativo, comparativamente com 2025, não tendo havido diferença de produtividade expressiva.





Figuras 37 e 38. Horta familiar ainda a disponibilizar hortaliça (esq.) e poço comunitário que repõe o nível após o uso (dir.), 12.10.2026

Fotos por: Miguel Martins

Nas hortas destaca-se o bom desenvolvimento das couves pencas, grelos e nabiças.



Figura 39. Horta familiar, 07.10.2026, Armamar
Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 40. Couves e nabiças em horta familiar, 11.10.2026, Vila Real

7 Fruticultura

7.1 Entre Douro e Minho

Actinídeas (Kiwi)

Os pomares de kiwi apresentam, de um modo geral, um bom estado vegetativo, evidenciando bom desenvolvimento foliar e adequado crescimento dos frutos. Do ponto de vista fitossanitário, as condições observadas são globalmente favoráveis, não se registando ocorrências significativas de pragas ou doenças com impacto generalizado na produção. No dia 07 de outubro registou-se um pequeno episódio localizado de queda de granizo na freguesia de Mancelos (Amarante), com prejuízos em alguns pomares de kiwi.

As perspetivas apontam para uma produção superior à da última campanha (+18%), refletindo o bom vingamento dos frutos e a sua adequada evolução ao longo do ciclo vegetativo. Em termos qualitativos, prevê-se a colheita de frutos com calibres comerciais adequados, boa firmeza e teores de matéria seca compatíveis com os padrões exigidos para armazenamento e comercialização, perspetivando-se uma campanha globalmente favorável, tanto em quantidade, como em qualidade.

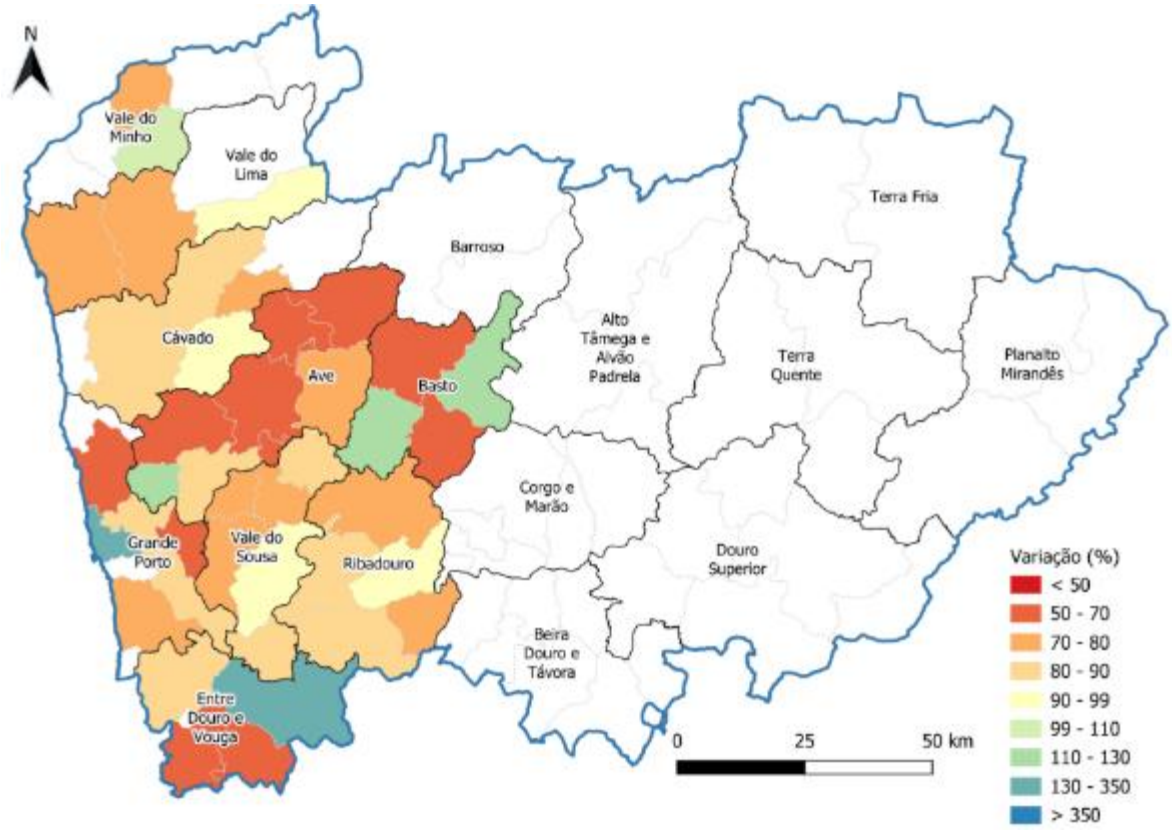




Figuras 41 e 42. Kiwi variedade 'Hayward' – frutos em crescimento, Vila Verde, zona de observação do Cávado
Fotos por: Maria Laura



Figura 43. Pomar de kiwi variedade 'Érica', com muita fruta vingada e calibre bastante regular, Urgeira – Valença, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves



Mapa 2 – Evolução da produção do kiwi por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

Castanheiros, Nogueiras



Figura 44. Plantação de castanheiros, Cornes – Vila Nova de Cerveira, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves



Figura 45. Plantação de castanheiros, Cornes – Vila Nova de Cerveira, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves

A estimativa aponta para uma diminuição acentuada da produção de castanha (-14%), principalmente da quantidade comercializável, por comparação com a campanha anterior.

A reduzida precipitação registada durante o período de desenvolvimento e maturação dos frutos pode ter condicionado o seu crescimento e calibre.

Observou-se uma antecipação da abertura dos ouriços e da consequente queda das castanhas, face ao período habitual de colheita, registando-se situações em que os frutos não atingiram o desenvolvimento esperado.

Quanto às variedades, na **zona de observação do Lima** verifica-se uma crescente representatividade da variedade híbrida 'Marsol', valorizada pelo seu calibre e por uma apresentação comercial mais atrativa, com frutos de tonalidade mais clara. Segundo informações recolhidas junto dos produtores e dos operadores comerciais, esta variedade apresenta também vantagens ao nível da conservação, fatores que têm contribuído para o aumento da sua procura.

Já na **zona de observação do Entre Douro e Vouga** predominam a 'Amarelal' e a 'Martaínha', com os castanheiros a ocupar os combros dos campos ou pequenas parcelas.

Uma parte significativa dos soutos pertence a agricultores de idade avançada e verifica-se uma crescente dificuldade em assegurar a mão-de-obra necessária à apanha. Este ano a situação agrava-se, porque a qualidade de grande parte dos frutos é menor que o desejável, o que pode desincentivar ainda mais a colheita.



Figura 46. O concelho de Arouca promove anualmente o Festival da Castanha, onde se inclui o concurso de produtores, como forma de incentivo à cultura, zona de observação do Entre Douro e Vouga
Foto por: Isabel Correia

Parte dos produtores referem o efeito positivo do combate biológico, com as largadas do parasitóide *Torymus sinensis*, na diminuição da população de Vespa-da-Galha-dos-Castanheiros (*Dryocosmus kuriphilus*).



Figura 47. Pequeno pomar de nogueiras, Arouca, zona de observação do Entre Douro e Vouga
Foto por: Isabel Correia

No que diz respeito à produção de noz, os frutos ainda estão verdes na árvore e a aguardar a completa maturação.

Estima-se que a produção seja semelhante à da última campanha (-1%).

Pessegueiros

As condições meteorológicas desta campanha foram favoráveis ao desenvolvimento dos frutos da generalidade das prunóideas, resultando num aumento significativo da quantidade produzida e da sua qualidade. Estima-se um aumento da produção de pêssego (+22%), em relação ao ano transato.

Pomóideas

As macieiras, pereiras e marmeleiros apresentam boas produções, com frutos de boa qualidade e antecipação da data de colheita. A estimativa é para o aumento da produção de maçã (+5%) e de pera (+9%), em relação ao ano passado.



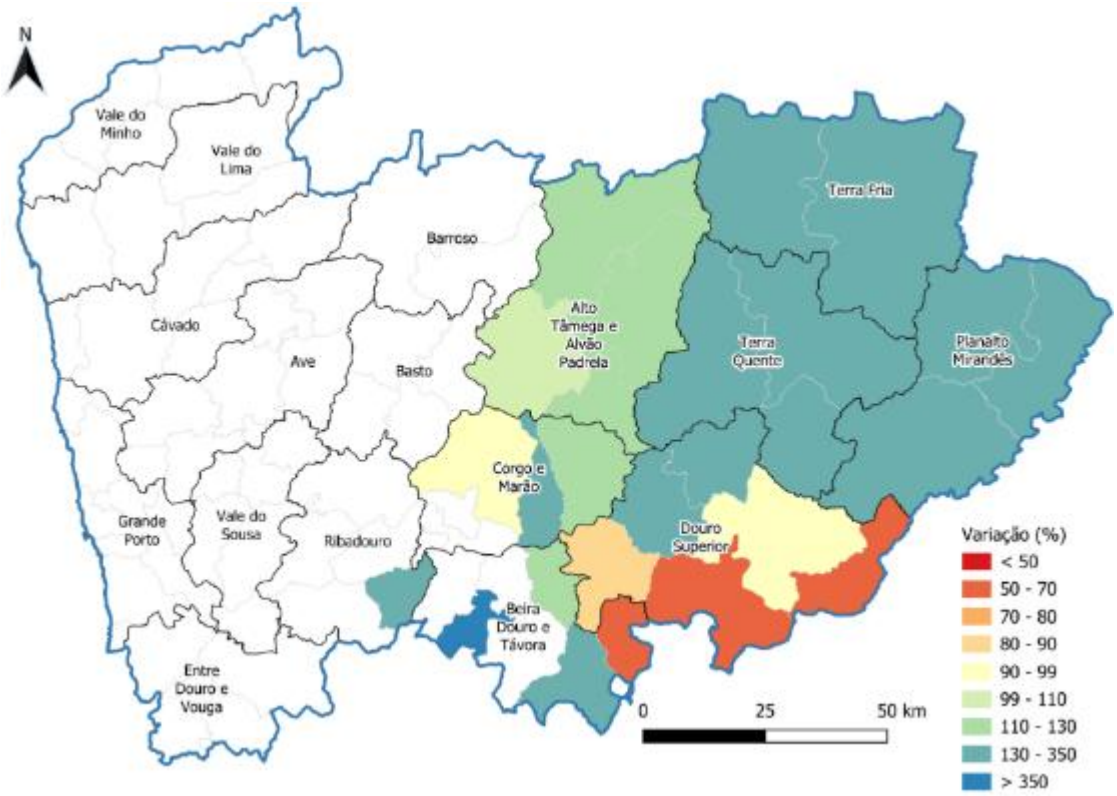
Figura 48. Pomar de macieiras da variedade 'Porta da Loja', Cabeceiras de Basto, zona de observação de Basto
Foto por: Jerónimo Côrte-Real Santos

7.2 Trás-os-Montes

Amendoeiras, Aveleiras, Castanheiros, Nogueiras

No final da campanha da amêndoa no **Douro Sul**, o balanço é francamente positivo, apesar da variabilidade geográfica da produtividade. Alguns pomares com possibilidade de regadio ou seja, que para além de sistema de rega instalado, tenham tido disponibilidade de água, apresentaram produtividades elevadas (superiores a 1 ton/hectare).
Os pomares de sequeiro não atingiram estes valores, mas mantiveram as produtividades médias de anos considerados "normais".

No Douro Superior, nos concelhos de Torre de Moncorvo e Vila Nova de Foz Côa, há produtores a referir aumentos de produção próximos dos 50%, embora ainda longe da média do quinquénio.



Mapa 3 – Evolução da produção da amêndoa por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

A avelã da **Terra Fria** já foi recolhida e a campanha decorreu dentro da normalidade. Em geral, os pequenos produtores da zona de observação declaram que este ano os frutos são de razoável qualidade, embora de calibre pequeno. Referem que as produtividades e a produção total são inferiores em cerca de 5%, quando comparadas com o ano anterior.

A campanha de recolha da castanha no **Planalto Mirandês** está em curso e, comparativamente com 2025, verifica-se uma quebra na produtividade e no calibre médio do fruto, observando-se muitos frutos de menor calibre caídos precocemente no solo, resultado da seca estival. A sanidade da castanha em geral é boa, fruto de esforços eficazes de prevenção da Vespa-da-Galha do Castanheiro.



Figura 49. Pormenor de ouriço, 12.10.2026, Bruçó – Mogadouro

Foto por: Miguel Martins



Figuras 50 a 53. Souto com boa sanidade geral da castanha, mas onde ocorreu queda precoce de frutos de pequeno calibre, 12.10.2026, Bruçó - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figura 54. Souto de ensaios, 12.10.2026, Bruçó – Mogadouro
Foto por: Miguel Martins

O tempo seco e a descida das temperaturas do mês de outubro favoreceram a queda natural dos ouriços dos castanheiros, dando origem à colheita das variedades regionais de castanha no **Douro Sul**. A principal zona de produção concentra-se na **Beira Douro e Távora (BDT)**, com incidência nos concelhos de Penedono e Sernancelhe (Soutos da Lapa).

No início do mês, foi possível encontrar os produtores a cortar a vegetação espontânea que se desenvolveu no sob coberto dos soutos, para facilitar a colheita da castanha, que na maioria dos casos é realizada manualmente. Os produtores de maior dimensão procedem à recolha mecânica, com equipamento próprio para o efeito.



Figura 55. Ouriços com castanhas da variedade 'Martaínha', 07.10.2026, Arcas – Penedono
Foto por: Suzana Fonseca

Em termos quantitativos, estamos perante um ano deficitário, com as árvores a apresentar grande quantidade de ouriços, mas com castanhas de pequeno calibre, resultado das elevadas temperaturas registadas no verão e do défice hídrico associado. O calor inibiu o normal desenvolvimento dos frutos, que se mantiveram pequenos e mais leves, e provocou o "queimar" dos ouriços (que caíram antes da conclusão da maturação dos frutos).

As castanhas viram a sua maturação antecipada, tendo de ser colhidas mais cedo para evitar o aquecimento e apodrecimento dos frutos, reduzindo a rentabilidade da cultura.

No que diz respeito à qualidade, grande parte da castanha apresenta-se "bichada" (*Cydia splendana*) e com Podridão (*Gnomoniopsis smithogilvyi*), o que contribui não só para a redução da quantidade de castanha disponível no mercado, mas também para a sua desvalorização comercial. Alguns produtores referem que a perda de qualidade provocada por estes problemas sanitários resultou em quebras de produção na ordem dos 30-40%.

Face às temperaturas elevadas que se registaram até meados de outubro, a comercialização de castanha em território nacional manteve-se reduzida nesse período, com o produto a ser valorizado essencialmente através da exportação.

Importa recordar que em agosto de 2025 a BDT foi fustigada por graves incêndios agroflorestais, que afetaram boa parte da área de soutos e com ela a produção de castanha. A recuperação dessas áreas tem sido gradual e esta campanha já foi visível a renovação da massa verde da copa das árvores, muito embora a produtividade ainda fique aquém dos valores considerados normais para a cultura.



Figuras 56 e 57. Souto afetado pelos incêndios em 26.08.2025 (esq.) e em 07.10.2026 (dir.), Arcas – Penedono

Fotos por: Suzana Fonseca




Figuras 58 e 59. Souto afetado pelos incêndios em 26.08.2025 (esq.) e em 07.10.2026 (dir.), Sernancelhe
Fotos por: Suzana Fonseca

Na **Terra Quente** prossegue a apanha da castanha, quer de forma manual/tradicional, quer através de meios mecânicos. Em muitos soutos verificam-se dificuldades na separação das castanhas dos ouriços, que se apresentam secos e endurecidos em consequência das elevadas temperaturas e da escassez de precipitação registadas durante o ciclo produtivo.

Nas zonas mais quentes e secas uma parte dos ouriços revelou-se mesmo improdutiva e, apesar da abundância inicial de ouriços observada nas árvores, muitas castanhas não atingiram o desenvolvimento esperado, devido ao défice hídrico prolongado, que condicionou o enchimento dos frutos e o seu calibre, resultando numa produtividade inferior à inicialmente estimada. Uma parte significativa da produção potencial não chegou a formar-se adequadamente, verificando-se uma quebra acentuada do rendimento por árvore e por hectare.

Face a estas condições, torna-se necessário acelerar as operações de colheita, recorrendo em muitos casos, ao varejamento para promover a queda dos frutos.

A persistência da falta de humidade no solo tem conduzido a um processo de desidratação das castanhas ainda nas árvores, comprometendo a sua qualidade comercial. Por outro lado, as castanhas já caídas devem ser recolhidas com a maior brevidade possível, evitando que as temperaturas elevadas durante o período diurno promovam a desidratação, endurecimento e consequente perda de valor comercial.



Figuras 60 e 61. Souto durante a apanha das castanhas (já ensacadas)
Fotos por: Paulo Guedes

Apesar destas limitações, observam-se produções de boa qualidade e com calibres elevados nos terrenos mais férteis e com maior disponibilidade hídrica, destacando-se a zona de Carrazedo de Montenegro, onde predomina a variedade 'Judia' e onde os resultados produtivos se apresentam mais satisfatórios.



Figura 62. Apanha mecânica da castanha
Foto por: Paulo Guedes



Figura 63. Ensaque mecânico da castanha, depois de separada do ouriço

Foto por: Paulo Guedes



Figura 64. Castanheiros localizados em parcelas onde não se sentiram de forma tão acentuada as temperaturas elevadas e a falta de água

Foto por: Paulo Guedes



A colheita de castanha da **Terra Fria** já começou, com as condições meteorológicas no final do ciclo cultural e do início da campanha a serem desfavoráveis para as variedades mais temporãs. As temperaturas máximas e mínimas estiveram sempre muito elevadas, o que condicionou o crescimento do fruto. As primeiras castanhas recolhidas apresentavam um calibre pequeno e estavam desidratadas, resultando em um péssimo descasque e baixo poder de conservação.

Neste momento já se observa muita castanha caída sobre o solo (ver foto 65) e a apanha decorre dentro da normalidade, uma vez que a partir do dia 20 as temperaturas desceram consideravelmente e o tempo ficou nublado.

Figura 65. Aspeto da castanha caída no solo, Martim - Bragança
Foto por: Anabela Coimbra

No entanto, o teor de humidade do ar e do solo é muito baixo, o que é desfavorável para este fruto.

Já encontramos muitos produtores a realizar a colheita da castanha, mas estes declaram que a pouca que já foi armazenada não tem tido procura. Perspetiva-se um ano com quebra de produção total a rondar os 30 a 35%, face ao que seria normal para esta área de observação, contrariando aquelas que foram as expetativas apontadas no Boletim de setembro. A presença de um elevado número de ouriços não se traduziu em grande quantidade de frutos, pois estes estão secos e muitos deles são inviáveis, consequência do verão e do início de outono quente e seco, associado a um ataque elevadíssimo da Vespa-das-Galhas.

O estado sanitário da castanha está comprometido, com o Bichado e a Podridão Castanha a condicionar a qualidade dos frutos – neste momento a taxa de Bichado é elevada, aproximando-se dos 30%.



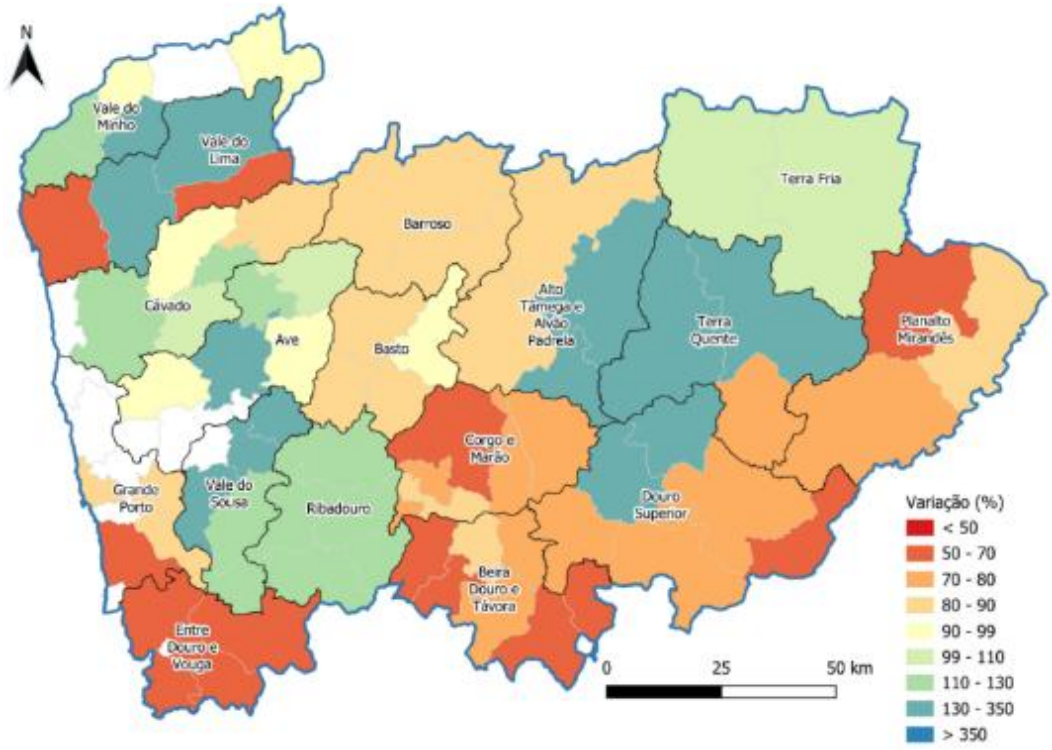
Figuras 66 e 67. Aspeto de um souto e dos ouriços abertos, Terroso – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra

Mais próximo do final do mês, com a proximidade das feiras e das festividades, os canais de comercialização começaram a funcionar e o consumo teve início.

Contudo, a procura por parte dos agentes económicos e dos consumidores ainda é muito baixa, com o preço proposto aos produtores por kg de castanha a granel a ser desinteressante, não compensando a colheita.



Figuras 68 e 69. Aspeto de um souto e da castanha no ouriço, Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Mapa 4 – Evolução da produção da castanha por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

A campanha de recolha da noz na **Terra Fria** começou a 16 de outubro, em igual período do ano anterior, decorrendo sem percalços e com os frutos a cair dentro da normalidade. Neste momento faz-se a apanha, lavagem, secagem e calibragem da noz.



Figuras 70 e 71. Aspeto do pomar e da noz, Quintela – Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figuras 72 e 73. Aspeto do pomar e da noz, Gostei - Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra

Segundo os produtores, os calibres são ligeiramente inferiores, quando comparados com a campanha anterior (ver fotos 70 e 73), verificando-se assimetrias maiores entre os frutos da mesma variedade. Contudo, a qualidade das variedades 'Franquette' e 'Fernor' é boa e o grão está em excelente estado, com a taxa de defeito deste fruto seco a ser residual – cerca de 1%. A procura é alta e em breve terão início as trocas comerciais.
Estamos perante uma campanha que se prevê menos produtiva, com produtividade inferior em cerca de 5%. Os maiores produtores garantem ter a produção toda vendida e referem que seria necessária maior quantidade de noz para satisfazer a procura.

Pomóideas

A campanha da maçã na **Beira Douro e Távora** terminou no final do mês de outubro, com a colheita das variedades mais tardias – 'Fuji' e 'Pink Lady'. Confirmam-se as previsões de um bom ano, com as maçãs a atingirem bons calibres e qualidade elevada, sem perdas significativas associadas a fenómenos meteorológicos (apenas alguma percentagem de frutos prejudicados por 'escaldão' no período estival e por Pedrado, que, apesar da realização de tratamentos fitossanitários, persistiu em alguns pomares até ao final do ciclo produtivo).



Figura 74. Colheita de maçã 'Golden Delicious', 07.10.2026, Armamar

Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 75. Maçãs da variedade 'Fuji' no final da maturação, prestes a serem colhidas, 19.10.2026, Britiande – Lamego





Figuras 76 e 77. Plataforma de colheita de maçã (esq.) e palotes de madeira usados durante a fase de colheita (dir.), Lamego

Fotos por: Suzana Fonseca

A fruta que não reúne condições para comercialização em fresco – por apresentar lesões na epiderme, carepa, infeção com Pedrado, infestação com Bichado ou outras causas – é encaminhada para a indústria, com valorização através da transformação em sumos, compotas, alimentação infantil ou outros produtos.



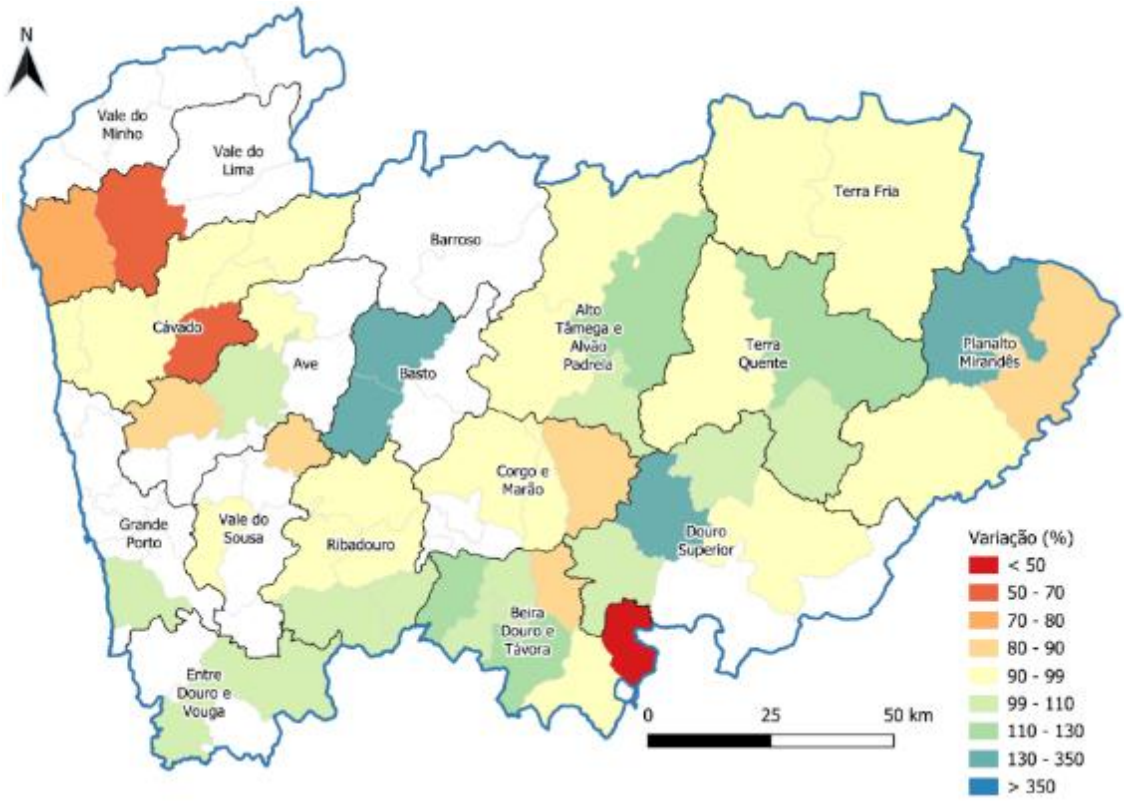

Figura 78 e 79. *Big bags* de maçã para indústria, Armamar
Fotos por: Suzana Fonseca

No **Planalto Mirandês** é notável a duração da campanha da maçã – os primeiros frutos foram colhidos em maio, estavam ótimos para consumo em junho, mas a colheita só ficou concluída em outubro.

Face ao ano passado, o stress hídrico levou ao desenvolvimento de frutos de menor calibre em pomares de sequeiro, mas em pomares regados a produtividade foi um pouco superior. O ataque de pragas manteve-se controlado, quer por efeito do calor severo, quer através da ação humana.




Figuras 80 e 81. Pomar de pomóideas e aspeto dos últimos frutos, 13.10.2026, Azinhoso – Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins



Mapa 5 – Evolução da produção de maçã por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

8 Vinha

8.1 Entre Douro e Minho

Na sub-região do **Alvarinho,** as vindimas iniciadas em meados de agosto ficaram concluídas no final de setembro. Apesar de alguma precipitação no início da vindima ter provocado uma redução temporária das graduações e alguma Podridão (*Botrytis* sp.) em parcelas mais sensíveis, as condições meteorológicas posteriores permitiram a recuperação dos teores de açúcar, tendo as uvas apresentado, de um modo geral, bom estado sanitário e atingido boas graduações.

Os dados finais da vindima, nomeadamente os recolhidos junto das adegas cooperativas e de particulares, levam-nos a estimar acréscimos de produção que variam entre os 15 e os 20%, em relação ao ano passado.

No que diz respeito à comercialização, na sub-região do Alvarinho já se vão fazendo sentir as dificuldades sentidas em outras regiões, principalmente em operadores mais pequenos e com menor capacidade de procurar mercados alternativos.

Na restante região a campanha vitivinícola decorreu em condições globalmente favoráveis, tendo as adegas cooperativas e as empresas vinícolas funcionado regularmente durante o período de receção das uvas, verificando-se uma entrada de matéria-prima de boa qualidade e com níveis de maturação adequados para a produção dos vinhos característicos da região. A antecipação da vindima, associada às condições meteorológicas registadas ao longo do ciclo vegetativo, permitiu preservar níveis equilibrados de acidez e grau alcoólico. Em termos quantitativos, estima-se um acréscimo significativo (+16%) face à campanha anterior, resultado do bom desenvolvimento vegetativo das vinhas e da reduzida incidência de pragas e doenças. O preço das uvas à produção foi semelhante ao da última campanha, mas notou-se um "arrefecimento" da procura.
A estimativa aponta para um aumento considerável da produção de uva de mesa (+20%).

8.2 Trás-os-Montes

A campanha no **Planalto Mirandês** está totalmente encerrada, tendo-se registado uma ligeira quebra na produção total, comparativamente com o ano anterior, associada ao calor e à seca intensos. Em contrapartida, a qualidade sanitária foi muito boa, sem registos de qualquer incidência de fungos (Míldio/Oídio) ou Podridão, dando origem a mostos com teor alcoólico mais elevado.

O **Douro Sul** também concluiu as vindimas no mês de outubro. Apesar dos constrangimentos associados aos elevados stocks de vinho nas adegas, o balanço final desta campanha foi positivo, com algumas cooperativas do Douro Superior a contabilizar aumentos entre os 40 e os 50% na quantidade de uvas rececionadas e de vinho produzido.
Contudo, parte da produção acabou por não ser colhida por falta de compradores , com os produtores a recorrer ao apoio extraordinário criado pelo Ministério da Agricultura para este efeito.

As vindimas na **Terra Fria** decorreram sem percalços, terminando mais cedo que no ano anterior. Segundo declarações dos responsáveis de uma unidade de transformação no concelho de Bragança a campanha foi mais produtiva, com a unidade a receber mais 20% de uvas para o mesmo número de sócios, e os vinhos produzidos foram de excelente qualidade. As uvas – brancas e tintas – apresentavam boa qualidade e elevado teor de açúcar, resultando em mostos com teor alcoólico elevado (valor médio de 14%Vol nos tintos e 13%Vol nos brancos).

9 Olival

9.1 Entre Douro e Minho

A campanha de 2026 regista uma quebra muito acentuada na produção de azeitona (-40%), por comparação com a elevada produção registada no ano anterior. De um modo geral, observa-se uma carga de frutos bastante inferior à verificada em 2025.

Apesar de pontualmente se encontrarem oliveiras com uma quantidade razoável de azeitona, a produção apresenta-se globalmente reduzida, prevendo-se uma diminuição significativa relativamente à campanha anterior.

A reduzida quantidade de azeitona pode levar alguns agricultores a não realizar a colheita, principalmente as pequenas explorações familiares, onde o esforço e os custos associados à apanha podem não compensar a produção obtida. Por outro lado, o elevado preço do azeite constitui um incentivo para que alguns produtores mantenham a atividade de colheita, mesmo perante uma menor disponibilidade de frutos.

Segundo informações recolhidas junto do lagar de Bravães, o azeite produzido até ao momento apresenta, de um modo geral, boa qualidade.

Relativamente aos lagares pertencentes à zona de observação do Cávado, foi possível apurar que o lagar de Cossourado, em Barcelos, iniciou a laboração no dia 12 de outubro, enquanto o lagar da Devesa do Cávado, em Amares, tem abertura prevista para o início de novembro.

A colheita já se iniciou e a azenha de Resende entrou em laboração, de forma intermitente a 16 de outubro, antecipando em cerca de duas semanas o início da campanha. As restantes unidades de transformação preveem iniciar atividade em meados de novembro.

Os lagares da zona de observação do Entre Douro e Vouga vão iniciar a laboração no final de outubro e o lagar de Arco de Baúlhe, em Cabeceiras de Basto, perspetiva começar a laboras em meados do mês de novembro.

9.2 Trás-os-Montes

Os olivais do **Planalto Mirandês** encontram-se em pleno processo de mudança de cor do fruto, com a maturação levemente adiantada face a 2025. Antevê-se que a colheita se inicie no mês de novembro, em alguns locais e algumas variedades.



Figuras 82 a 85. Parcelas de olival e respetivos frutos, 12.10.2026, Vale de Porco – Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins

Apesar da prolongada ausência de água durante o verão, com as chuvas ocorridas no outono e a boa floração e vingamento dos frutos no início do ciclo, prevê-se um aumento da produtividade desta campanha. As azeitonas apresentam-se sãs e sem grandes relatos de ataques de Mosca-da-Azeitona.



Figuras 86 e 87. Olival e pormenor do fruto, 12.10.2026, Castelo Branco – Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins




Figuras 88 e 89. Olival e pormenor do fruto, 12.10.2026, Vilarinho dos Galegos – Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins

Confirma-se a informação do Boletim de setembro referente ao **Douro Sul,** em como este será um ano excelente para a produção de azeitonas na sub-região.

Os olivais apresentam-se em boas condições fitossanitárias, com grande quantidade de frutos nas árvores. Na sua maioria as azeitonas estão graúdas e, quando pressionadas, mantém-se rijas, o que denota tratar-se de polpa e não de água, prevendo-se assim boas produtividades.

No entanto, estas previsões são transversais a outras zonas do país (e do resto da Europa), pelo que as expetativas são pouco animadoras em termos de valorização comercial.



Figura 90. Azeitonas verdes, 07.10.2026, Armamar
Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 91. Azeitonas verdes, 19.10.2026, S. J. da Pesqueira

No que diz respeito à azeitona de conserva, a maior mancha de produção localiza-se em Freixo-de-Espada-à-Cinta, onde a cooperativa local recolhe grande quantidade dos seus associados. As cotações de venda são determinadas pelo mercado espanhol, que este ano aponta quebras na ordem dos 20 a 25% face ao valor do ano anterior.

Relativamente à azeitona para produção de azeite, a mesma unidade de transformação propôs aos seus associados uma valorização na cotação das azeitonas "verdes" entregues até meados do mês de novembro.

À semelhança do observado nos castanheiros, também alguns olivais da Beira Douro e Távora evidenciam uma recuperação das plantas afetadas pelos incêndios de 2025. Esta recuperação é bem visível nos concelhos de Penedono e Sernancelhe, onde as áreas afetadas foram bastante extensas. As oliveiras jovens emitiram novos lançamentos a partir da base do tronco (ver fotos 93 e 95), sendo agora necessário realizar novas podas de formação, que irão atrasar a entrada em produção destas plantas.





Figuras 92 e 93. Parcela de olival e vinha afetada nos incêndios, em 26.08.2025 (esq.) e em recuperação, 07.10.2026 (dir.), Sernancelhe





Figuras 94 e 95. Parcela de olival afetada nos incêndios, em 26.08.2025 (esq.) e em recuperação, 07.10.2026 (dir.), Sernancelhe
Fotos por: Suzana Fonseca

A oliveira na **Terra Fria** está a terminar o seu ciclo cultural e já é possível encontrar alguns frutos a iniciar a maturação, prevendo-se que a apanha e transformação se inicie no próximo mês.

Atá à data, de um modo geral, os olivais apresentam um bom estado vegetativo, mas nos casos em que os produtores não garantiram os tratamentos fitossanitários – casos pontuais e em zonas mais marginais – é possível encontrar frutos picados pela Mosca da Azeitona.

Estamos perante uma campanha que se perspetiva mais produtiva que a anterior, visto que o olival tradicional de sequeiro é uma cultura bem adaptada à região e é sempre mais resistente aos verões quentes e secos.

Na generalidade da **Terra Quente** já se iniciou a campanha de apanha da azeitona, prevendo-se uma produção global cerca de 50% superior à registada no ano anterior.

A maioria dos lagares já iniciou a sua atividade, prevendo-se que os restantes entrem em funcionamento durante a primeira semana de novembro. Os primeiros resultados da transformação apontam para rendimentos em azeite inferiores ao esperado, consequência do estado fisiológico dos frutos e da reduzida disponibilidade hídrica.

Nos olivais fortemente atacados pela Mosca-da-Azeitona, o azeite obtido poderá apresentar menor qualidade comercial, evidenciando-se frequentemente uma coloração mais turva, defeitos organoléticos – designadamente aromas a mofo – valores de acidez mais elevados e menores rendimentos de extração. Refira-se ainda que vários lagares mantêm existências de azeite da campanha anterior, refletindo um ritmo de escoamento mais lento da produção e condicionando as expetativas do setor para a presente campanha.



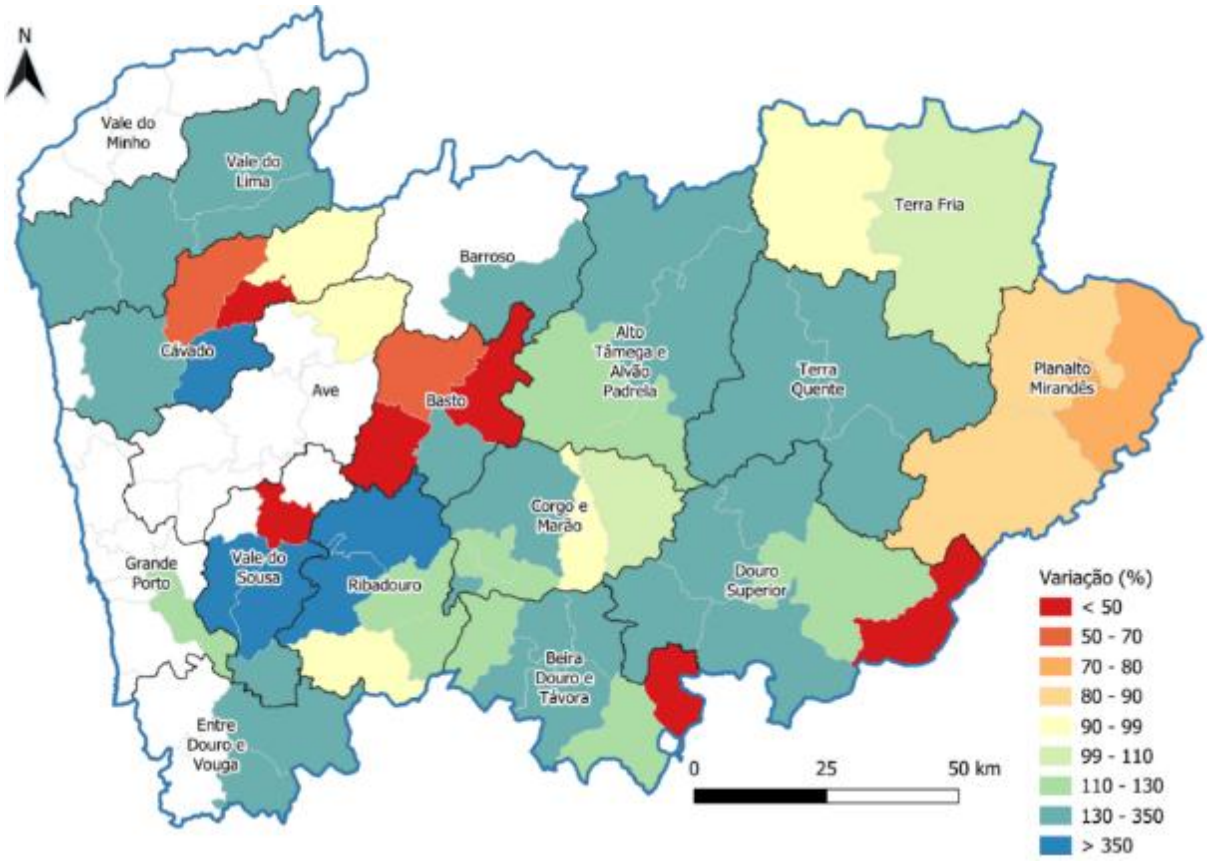
Figura 96. Armadilha cromotrópica com elevada presença de Mosca-da-Azeitona
Foto por: paulo Guedes





Figuras 97 e 98. Excelente produtividade em olival jovem em sistema de regadio

Fotos por: Paulo Guedes



Mapa 6 – Evolução da produtividade da azeitona para azeite por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

10 Prados, pastagens e culturas forrageiras

10.1 Entre Douro e Minho



Figura 99. Caprinos em pastoreio de prados e pastagens permanentes, Vila Verde, zona de observação do Cávado
Foto por: Maria Laura



Figura 100. Caprinos em pastoreio de prados e pastagens permanentes, Vila Verde, zona de observação do Cávado
Foto por: Maria Laura

O início da precipitação interrompeu o longo período de seca e garantiu a necessária humidade para a emergência das espécies de outono/inverno, das pastagens de sequeiro e pastagens pobres. As gramíneas têm nova rebentação, mas ainda predominam o tojo, a carqueja e a urze. Os animais têm de percorrer maiores distâncias para se alimentar.

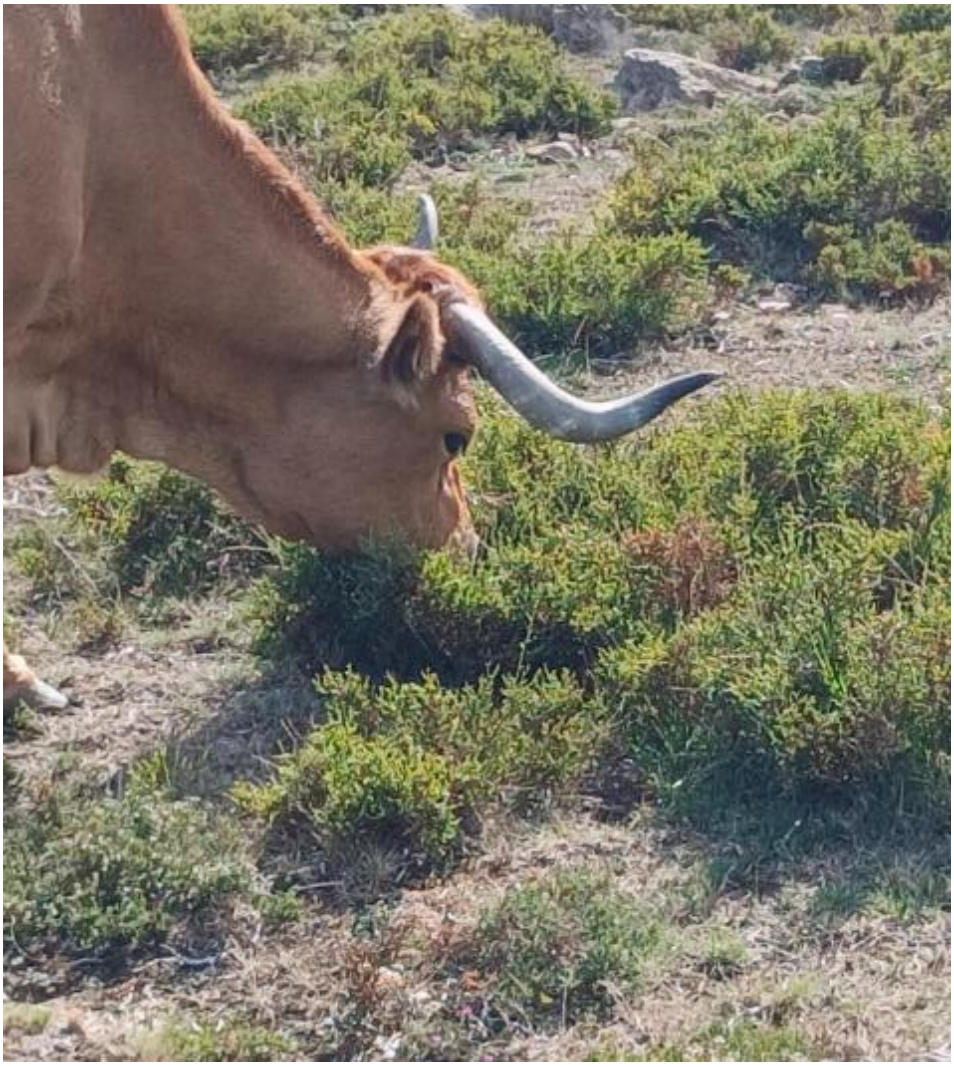


Figura 101. Bovino da raça 'Arouquesa', procurando por entre a carqueja os novos rebentos das gramíneas, Serra da Freita – Vale de Cambra, zona de observação do Entre Douro e Vouga
Foto por: Isabel Correia

As pastagens de regadio sofreram com o calor e a seca, apesar da rega, e recuperam agora com as temperaturas amenas e a precipitação entretanto ocorrida.

Em relação à produção de milho forrageiro, a diminuição face aos valores do ano passado (-9%), fica a dever-se aos problemas na fase de germinação, com emergência irregular e milhos mais baixos.



Figura 102. Silagem de milho armazenada, zona de observação do Vale do Lima
Foto por: Sandra Coelho

Parte da área da cultura é de sequeiro, sendo escolhidos os "campos lentos", que não necessitem de rega, mas em anos excecionalmente quentes como este a cultura acaba por sofrer stress hídrico.

A estrutura fundiária de minifúndio, em que as explorações pecuárias chegam a ser constituídas por 50 parcelas, dificulta a gestão da rega.

Assim, considera-se que a produção de milho forrageiro foi igual ou ligeiramente inferior no regadio, graças ao esforço do número de regas, mas sofreu uma quebra acentuada no sequeiro.

O mercado das sementes híbridas de milho forrageiro tem disponibilizado aos produtores variedades de ciclo curto, com espigas com maior número de filas de grão, que produzem uma silagem produtiva e muito rica em energia.

A estimativa para a produção de sorgo forrageiro é de uma redução, em relação ao ano transato (-5%).

Mantém-se idêntico o contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais na alimentação das diferentes espécies pecuárias.

10.2 Trás-os-Montes

No **Planalto Mirandês** denota-se uma forte resiliência dos produtores, que iniciaram as mobilizações e sementeiras de aveia forrageira relativamente cedo e, em alguns casos, mesmo com o solo seco e poeirento. É curiosa a capacidade de adaptação das culturas, pois já encontramos parcelas de aveia forrageira germinadas desde os primeiros dias de outubro (08 ou 10).



Figura 103. Cobertura da semente de aveia forrageira, 12.10.2026, Vila de Ala - Mogadouro
Foto por: Miguel Martins

O estado vegetativo dos lameiros e das pastagens recupera de forma muito lenta. O surgimento de novos rebentos no pasto de outono iniciou-se com as primeiras chuvas, mas a biomassa disponível para o gado ainda é muito reduzida (são poucas as parcelas que já se encontram verdejantes). O panorama é ainda de escassez de pasto natural, pelo que a alimentação do efetivo pecuário, em especial dos bovinos da raça bovina 'Mirandesa' e dos ovinos de raça 'Churra Galega Mirandesa' é feita por recurso a silagens e rações industriais, podendo representar um agravamento dos custos de produção para os criadores de gado da região. No entanto, as pastagens permanentes de regadio resistem melhor e apresentam um estado vegetativo razoável, com um nível de desenvolvimento menos afetado.

As parcelas de nabo forrageiro também se encontram em bom estado vegetativo.




Figuras 104 e 105. Duas parcelas onde foi realizada a sementeira de aveia forrageira, 12.10.2026, Vila de Ala - Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins




Figuras 1066 e 107. Parcela de aveia forrageira e pormenor da aveia germinada, 13.10.2026, Brunhosinho - Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins




Figuras 108 e 109. Parcela de pastagem em 14.09.2026 (esq.) e em 13.10.2026 (dir.), como um dos poucos casos onde se observa a recuperação vegetativa, invertendo o cenário de seca dos meses anteriores, Penas Roias - Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins



Figura 110. Efetivo pecuário em pastoreio, observando-se a reduzida disponibilidade de biomassa verde, 13.10.2026, Prado Gatão – Miranda do Douro

Foto por: Miguel Martins

Na **Terra Fria**, com a descida das temperaturas máximas e mínimas, e com a precipitação ocorrida nos dias 5 e 6 de outubro, os produtores instalaram as culturas forrageiras de outono/inverno (nabo forrageiro e ferrãs) e semearam a aveia forrageira. No campo já se observa esta aveia germinada e em bom estado vegetativo, que será o alimento grosseiro para o efetivo pecuário no próximo ano agrícola.



Figura 111. Início da germinação da aveia, Maçãs - Bragança

Foto por: Anabela Coimbra

Nesta sub-região as pastagens permanentes de sequeiro estão em razoável estado vegetativo, mas ainda não reúnem condições para a alimentação animal. A precipitação de dia 19 e a descida das temperaturas, proporcionaram um alívio do stress hídrico das herbáceas, que neste momento estão a recuperar o vigor vegetativo (ver foto 113).

As pastagens permanentes de regadio também apresentam bom estado vegetativo e já disponibilizam matéria verde para pastoreio direto (foto 112).



Figura 112. Pastagem permanente de regadio, Cova de Lua – Bragança



Figura 113. Pastagem permanente de sequeiro, Gimonde – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

Os produtores pecuários declaram que ainda não estiveram reunidas as condições ótimas para concluir as sementeiras das forrageiras de outono/inverno. Inicialmente os solos estavam muito secos, o que tornava a germinação das sementes pouco viável.

Apesar disso, alguns produtores arriscaram e semearam no final de agosto e, neste momento, já é possível observar as diferentes herbáceas a iniciar a germinação nas pastagens temporárias de sequeiro (ver foto 114), bem como a aveia forrageira (foto 115). Estima-se que a sementeira das culturas forrageiras esteja terminada até ao final deste mês.

De momento o nabo forrageiro encontra-se em bom estado vegetativo, mas as condições meteorológicas no momento da sementeira não foram as mais favoráveis, motivo pelo qual vários produtores declaram que a mesma não germinou. Quando comparado com o ano anterior, verifica-se uma situação mais desfavorável no que diz respeito à quantidade de alimentos forrageiros produzidos. O verão quente e seco foi péssimo para a cultura das abóboras e das forrageiras de primavera/verão e a quantidade de feno também é menor. No entanto, os produtores referem que isso não compromete as explorações pecuárias e que possuem alimento suficiente para alimentar o efetivo durante o período do inverno.



Figura 114. Pastagem temporária de sequeiro, Gostei – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 115. Aveia forrageira, início de germinação, Deilão – Bragança



Figura 116. Bovinos da raça 'Maronesa' em pastoreio, Espinhosela - Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 117. Nabo forrageiro em regime de sequeiro, Gimonde – Bragança



Figura 118. Caprinos em pastoreio, numa pastagem permanente de sequeiro, Martim - Bragança
Foto gentilmente cedida por: Elza



Figura 119. Ovinos em pastoreio, Vinhais
Foto por: Anabela Coimbra



Os produtores pecuários têm-se queixado de avistamentos e ataques de lobo. Situações pontuais, mas que têm sido mais frequentes que o habitual e normal para esta área de observação.

Declaram também que os canais de comercialização da carne, das diferentes espécies pecuárias, continuam a funcionar, com as transações a decorrer sem problemas. A procura é alta e toda a carne produzida é comercializada.

Figura 120. O descanso do verdadeiro guerreiro – Cão de gado transmontano, com um cabritinho, Martim - Bragança
Foto gentilmente cedida por: Elza

11 Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção

Tabela 1. Evolução da produção de milho grão de regadio e de sequeiro, comparativamente ao ano anterior

Localização	Milho-Regadio Grão %	Milho-Regadio Grão t	Milho-Sequeiro Grão %	Milho-Sequeiro Grão t
Entre Douro e Minho	95	68 223	97	4 362
Ave	96	11 151	99	503
Basto	93	3 079	78	58
Cávado	99	21 381	100	1 837
Entre Douro e Vouga	87	4 214	86	210
Grande Porto	97	5 011	95	430
Ribadouro	87	4 654	80	49
Vale do Lima	99	5 779	98	1 028
Vale do Minho	96	2 882	98	170
Vale do Sousa	90	10 072	80	77
Trás-os-Montes	99	3 319	96	2 221
A. Tâmega e Alvão P.	100	458	93	305
Barroso	100	1 247	100	430
Beira Douro e Távora	96	181	90	29
Corgo e Marão	104	226	98	33
Douro Superior	93	182	110	84
Planalto Mirandês	95	482	94	815
Terra Fria	100	191	95	405
Terra Quente	104	353	111	120
Região Norte	**95**	**71 542**	**97**	**6 583**

Tabela 2. Evolução da produção de feijão e grão-de-bico, comparativamente ao ano anterior

Localização	Feijão %	Feijão t	Grão-de-Bico %	Grão-de-Bico t
Entre Douro e Minho	96	236		
Ave	100	42		
Basto	95	11		
Cávado	100	61		
Entre Douro e Vouga	90	24		
Grande Porto	90	17		
Ribadouro	90	17		
Vale do Lima	100	31		
Vale do Minho	100	8		
Vale do Sousa	90	26		
Trás-os-Montes	99	1 573	100	67
A. Tâmega e Alvão P.	100	142	88	2
Barroso	100	2		
Beira Douro e Távora	97	9	97	4
Corgo e Marão	100	14	100	1
Douro Superior	93	200	95	10
Planalto Mirandês	98	414	98	24
Terra Fria	113	57	114	11
Terra Quente	99	735	100	16
Região Norte	**98**	**1 809**	**100**	**67**

Tabela 3. Evolução da produção de maçã, pera e pêssego, comparativamente ao ano anterior

Localização	Maçã %	Maçã t	Pêra %	Pêra t	Pêssego* %	Pêssego* T
Entre Douro e Minho	105	2 560	109	596	122	211
Ave	104	262	105	61	104	17
Basto	105	107	100	57	392	8
Cávado	104	862	102	111	101	47
Entre Douro e Vouga	100	142	100	56	100	21
Grande Porto	100	313	100	70	100	27
Ribadouro	120	375	129	127	445	29
Vale do Lima	98	275	98	55	98	43
Vale do Minho	100	58	100	16	100	6
Vale do Sousa	106	165	152	42	527	11
Trás-os-Montes	111	167 881	113	4 188	170	2 325
A. Tâmega e Alvão P.	103	2 222	104	290	131	242
Barroso	100	52	100	10	100	3
Beira Douro e Távora	112	135 371	105	2 397	110	127
Corgo e Marão	104	2 909	103	83	107	61
Douro Superior	109	23 315	157	941	196	972
Planalto Mirandês	98	1 670	97	96	96	58
Terra Fria	100	1 351	100	141	100	19
Terra Quente	108	991	115	231	196	843
Região Norte	**111**	**170 441**	**113**	**4 784**	**165**	**2 536**

* Não inclui nectarina

Tabela 4. Evolução da produção do kiwi e de uva de mesa, comparativamente ao ano anterior

Localização	Kiwi		Uva de Mesa	
	%	t	%	T
Entre Douro e Minho	118	30 238	120	81
Ave	110	3 254		
Basto	122	1 137	120	2
Cávado	105	5 398		
Entre Douro e Vouga	120	1 891		
Grande Porto	120	5 074		
Ribadouro	130	2 204	120	68
Vale do Lima	105	718		
Vale do Minho	100	1 169		
Vale do Sousa	130	9 393	120	11
Trás-os-Montes	108	35	101	239
A. Tâmega e Alvão P.	100	5	110	32
Beira Douro e Távora	100	12	101	22
Corgo e Marão			109	24
Douro Superior	100	7	110	21
Planalto Mirandês			95	112
Terra Fria			105	10
Terra Quente	129	11	110	19
Região Norte	**118**	**30 274**	**106**	**319**

Tabela 5. Evolução da produção da avelã, castanha e noz e produção de amêndoa, comparativamente ao ano anterior

Localização	Amêndoa		Avelã		Castanha		Noz	
	%	t	%	t	%	t	%	Valor
Entre Douro e Minho	100	10	99	7	86	877	99	176
Ave	0	0	100	2	96	27	100	38
Basto	0	0	100	2	82	9	100	5
Cávado	0	0	90	1	100	105	100	32
Entre Douro e Vouga	0	0	100	0	60	41	90	10
Grande Porto	0	0	0	0	60	18	90	3
Ribadouro	100	8	100	1	80	313	100	55
Vale do Lima	0	0	100	1	93	276	100	13
Vale do Minho	0	0	0	0	107	57	100	0
Vale do Sousa	100	3	100	0	83	31	100	20
Trás-os-Montes	139	19 124	99	176	120	27 041	99	936
A. Tâmega e Alvão P.	171	1 936	106	20	231	7 909	107	163
Barroso	100	1	0	0	100	217	100	2
Beira Douro e Távora	104	69	100	18	98	1 970	100	44
Corgo e Marão	105	257	100	2	100	292	100	22
Douro Superior	127	7 219	102	4	120	496	105	75
Planalto Mirandês	109	3 822	101	52	93	1 333	95	109
Terra Fria	106	767	95	68	87	11 747	95	358
Terra Quente	213	5 052	110	11	261	3 077	102	163
Região Norte	**139**	**19 134**	**99**	**183**	**119**	**27 918**	**99**	**1 112**

Tabela 6. Evolução da produtividade de azeitona de mesa e de azeitona para azeite, comparativamente ao ano anterior

Localização	Azeitona de mesa %	Azeitona de mesa Kg/ha	Azeitona para azeite %	Azeitona para azeite Kg/ha
Entre Douro e Minho			60	2 492
Ave			99	741
Basto			97	304
Cávado			61	2 393
Entre Douro e Vouga			50	902
Grande Porto			50	286
Ribadouro			70	3 210
Vale do Lima			49	4 748
Vale do Minho			67	3 223
Vale do Sousa			70	1 518
Trás-os-Montes	110	2 061	143	1 607
A. Tâmega e Alvão P.	510	1 721	131	2 115
Barroso			100	1 189
Beira Douro e Távora	105	420	109	2 070
Corgo e Marão			109	2 360
Douro Superior	110	2 816	137	1 435
Planalto Mirandês	105	812	107	785
Terra Fria	129	450	126	1 023
Terra Quente	162	1 197	173	1 818
Região Norte	**110**	**2 061**	**140**	**1 618**

Tabela 7. Evolução da produção de uva para vinho (mosto), comparativamente ao ano anterior

Localização	Uva para Vinho / Vinho %	Uva para Vinho / Vinho hl
Entre Douro e Minho	116	1 838 450
Ave	119	666 631
Basto	120	226 141
Cávado	105	114 336
Entre Douro e Vouga	96	7 777
Grande Porto	114	32 903
Ribadouro	120	162 878
Vale do Lima	101	153 705
Vale do Minho	117	197 882
Vale do Sousa	120	276 198
Trás-os-Montes	117	1 133 818
A. Tâmega e Alvão P.	113	87 235
Barroso	100	517
Beira Douro e Távora	103	185 154
Corgo e Marão	123	377 130
Douro Superior	122	373 495
Planalto Mirandês	92	31 159
Terra Fria	105	11 266
Terra Quente	115	67 861
Região Norte	**116**	**2 972 268**